

RESUMO DO ARTIGO DEFININDO PRIORIDADE DE CONSERVAÇÃO EM UM HOTSPOT DE BIODIVERSIDADE GLOBAL

Autor Rodrigo Leandro de Lira dos Santos

O avanço nas pesquisas sobre as prioridades de conservação implica um grave problema: há muito o que desvendar e temos poucas pessoas fazendo isto. Nos primeiros anos da década de 90, estudiosos da conservação procuraram entender quais áreas seriam primordiais para estudar, conhecer e passar a preservar. A falta de investimento em tecnologias, que facilitariam e ampliariam a forma de atuação, retardaram o entendimento disto.

Uma área, denominada de Hotspot por Norman Myers, um estudioso que realizou uma pesquisa relativamente simples e mudou a compreensão acerca da ciência da conservação, compreende um espaço geográfico de 700 mil km², em média, que impossibilita o método de pesquisa de campo; onde os biólogos avançam num determinado habitat, mapeando toda a área que está ao alcance e registrando a ocorrência e a descoberta de espécies, por exemplo, trazendo consigo a necessidade de recursos tecnológicos, tais como: drones; implantação de chips, no caso de algumas espécies; mapeamento via satélite, etc. Estes métodos são muito recentes e não permitem uma análise mais aprofundada do que acontece interior destas áreas, ainda. Adiciona-se a isto o fator populacional e econômico, crescente, que acontece no entorno destas áreas, ampliando a dificuldade de avanço deste conhecimento.

A ocorrência e incidência de uma determinada espécie de planta ou qualquer outro animal dentro de um ecossistema não é o único meio de preservar porque não acontece em toda a sua abrangência. Há espécies que existem numa região do Hotspot e em outras não. Sendo assim, é importante garantir a preservação de toda a área, mesmo desconhecendo seus detalhes.

Nosso desconhecimento sobre a quantidade e local de ocorrência das espécies, de modo geral, é brutal. Ressalva-se o caso das aves porque a facilidade de observação do seu deslocamento, em épocas regulares, devido as mudanças de estação, onde há migração de uma região à outra para acasalamento e criação dos filhotes e o caso dos

botânicos, que acreditam estar próximos de conhecer quase todas as espécies de plantas e descobriram que elas ocorrem nos hotspots de biodiversidade.

Nosso conhecimento sobre um determinado habitat é proporcional a dificuldade de acesso à ele. O caso da mata atlântica, citada no artigo, é um exemplo disto. Mesmo com toda a destruição e fragmentação dela, é impossível conhecer todas as espécies que estão neste local.

Contudo, vale salientar a importância de conhecer ambas as situações porque a preservação depende de todas as pessoas que se dispõem a estudá-la. Seja pelo conhecimento da maioria das espécies que ocorrem num habitat, ou nele como um todo, o conhecimento adquirido com estas formas diferentes de desvendar, nos levará a um patamar mais eficiente de conservação.